

## GEOGRAFIA E CULTURA DE ELITE\*

Sílvia Regina PEREIRA\*\*  
Alexandre Domingues RIBAS\*\*\*

**Resumo:** Por meio desse seminário buscamos realizar uma discussão inicial sobre as definições e entendimentos a respeito do que se define como cultura popular, bem como o que se expressa como cultura de elite, no sentido de procurar a interlocução entre as mesmas, considerando a diversidade cultural existente na sociedade capitalista.

**Palavras-chave:** Cultura de Elite; Cultura Popular; Diversidade Cultural; Massa; Erudito.

**Resumen:** Por medio de este seminario buscamos realizar una discusión inicial sobre las definiciones y acepciones respecto a lo que se define como cultura popular, bien como lo que se expresa como cultura de elite, en el sentido de buscar la interlocución entre las mismas, considerando la diversidad cultural existente en la sociedad capitalista.

**Palabras llave:** Cultura de Elite; Cultura Popular; Diversidad Cultural; Masa; Erudito.

### QUÊ SE ENTENDE POR CULTURA?

É preciso considerar que estudos sobre o desenvolvimento da humanidade nos mostram a permanência de contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social na relação com os "recursos naturais", nos revelando uma multiplicidade de formas de existência, diante das complexas realidades dos agrupamentos humanos. Diante disso, vê-se a necessidade de entender que cada realidade cultural tem sua (i)lógica interna, sendo preciso considerar a variedade cultural de acordo com os contextos em que são produzidos. Por que as culturas variam tanto e quais os sentidos de tanta variação?

O desenvolvimento dos grupos humanos deu-se segundo ritmos e modalidades diversas, sendo os recursos heterogêneos e a ocupação de territórios de modos diferenciados, apesar de tendências dominantes. Assim, a cultura nos ajuda a pensar a nossa própria realidade, pois é evidenciada como resultado de uma história particular, mas que está diretamente relacionada com outras culturas com características diferentes, sendo imprescindível entendê-la no contexto histórico e nas relações que se estabelecem. Santos considera que:

*"A diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza." (1983, p.15).*

\*Seminário apresentado junto a disciplina Ontologia e Epistemologia em Geografia Humana, ministrada pelo Professor Armando da Silva no Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente, no segundo semestre de 2000.

\*\*Aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente, em nível de Mestrado, bolsista FAPESP, e-mail: silviarpereira@hotmail.com ; silviarpereira@bol.com.br

\*\*\*Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente, em nível de Mestrado e aluno da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão-PR.

Há, portanto, uma forte tendência em classificar as culturas em inferiores e superiores, sendo um exercício relativista, pois a observação sempre se faz segundo o ponto de vista do observador, e os critérios utilizados são aspectos culturais que precisam ser entendidos de acordo com sua realidade e de seu contexto histórico. Não há, portanto, traços que definam ou determinem se uma cultura é inferior ou superior, o que há são visões e apreensões diferenciadas que podem ser usadas como parâmetro o que é tido como superior em relação às classes dominantes que a definem. É preciso levar em consideração que as culturas e as sociedades humanas se relacionam de maneira desigual, sendo que, mesmo no interior da nossa sociedade, há uma diversidade cultural que precisa ser considerada para que possamos entendê-la.

Tanto no estudo de culturas de sociedades diferentes, quanto nas formas culturais no interior de uma sociedade, mostrar que a diversidade existe não implica concluir que a cultura é relativa, mas sim em entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade e das relações sociais e das relações entre elas.

A preocupação com a diversidade cultural surge a partir do século XVIII na Alemanha, com os pensadores preocupados em compreenderem as particularidades dos costumes e tradições e o desenvolvimento dos povos nas condições materiais em viviam. Era diretamente associada ao cultivo agrícola, sendo que os pensadores ampliam essa associação para se referirem ao refinamento pessoal, cultura da alma. Desde então, a diversidade cultural, se torna sinônimo de sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa. Diz respeito, também, a escolarização, formação escolar, às questões artísticas, teatro, música, pintura, escultura, lendas, crenças, modos de vestir, comida e idioma de um povo ou se relaciona com os meios de comunicação de massa, como rádio, televisão e cinema.

Já no século XIX, com o poderio das nações européias frente aos povos do mundo, surge-se uma preocupação com a cultura como questão científica e as ciências humanas a tratam sistematicamente, segundo Santos (1983), aliado:

- à visão laica do mundo social e da vida humana com o rompimento da visão dominada do cristianismo e o aparecimento de novas teorias sobre a evolução das espécies, sendo que as preocupações sistemáticas com cultura nasceram associadas a novas formas de conhecimento científico desse século;
- às realidades de dominação política, relações internacionais de poder.

A realidade de cada país era pensada de acordo com a cultura dominante no Ocidente, sendo perceptível que a própria cultura era um motivo de conflito de interesses nas sociedades contemporâneas, um conflito pelo seu controle, sua definição e pelos benefícios que poderia gerar. Faz-se necessário considerar que cultura não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, não é apenas uma parte da vida social, que seja algo independente desta, que não tenha a ver com a mesma, ou com a realidade onde exista. Diz respeito a todos os aspectos da vida social e não se pode dizer que existe em alguns contextos e não em outros, é uma construção histórica, é um produto coletivo da vida humana.

Cultura pode por um lado referir-se a alta cultura dominante e a qualquer cultura de qualquer povo, nação, grupo, ou sociedade humana, sendo cultura todas as formas de existência humana. É preciso, pois, considerá-la como processo, pois nada que é cultural é estanque, sendo que a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental, e seu significado está intimamente ligado à realidade a que se refere, ao contexto histórico e às relações sócio-territoriais que se estabelecem.

Assim, a cultura deve ser compreendida/identificada a partir da similitude/diferença de comportamento, concepção e prática de valores. Esse conjunto de práticas cristalizam-se a partir da significação simbólica, que seria a "linguagem" pelo qual um objeto, comportamento ou prática, possui um significado/sentido em um determinado grupo sócio-cultural. A cultura de

ser compreendida intrinsecamente às relações concretas, aos homens sociais reais, expressa a partir da heterogeneidade de compreensão do mundo e de suas formas de representação, além das incongruências de significações.

### 3 CULTURA POPULAR

O conceito de cultura popular é muito complexo, possuindo vários sentidos e conotações, expressando um espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação de que os fatos por ela identificados contêm alguma forma de "saber", até a atribuição de ter um papel importante de resistência contra a "dominação de classe". O "popular" é concebido predominantemente como o "fazer" sem "saber", conotação esta que indubitavelmente emerge a partir da própria separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, expressão da dita "modernidade".

Todavia, a cultura popular (tida como inferior, atrasada, superada) pauta-se como contraposição a alta cultura, a uma cultura erudita, elitizada. É a própria elite cultural da sociedade que desenvolve a concepção de cultura popular, com a polarização do popular e do erudito e com a oposição entre interesses das classes sociais na vida da sociedade. Um elemento importante a ser ressaltado diz respeito à relação entre cultura popular e o processo de "homogeneização cultural", dimensionado pela cultura de consumo, pelo *mass media*, pela materialização constante de um imaginário cultural de consumo. Para Durham:

*"Na medida que a cultura de massa constitui uma tendência homogeneizadora que se sobrepõe às diferenças reais, fundadas nessa distribuição desigual do trabalho, da riqueza e do poder e se processa, portanto, no nível exclusivamente simbólico, todo o problema da dinâmica cultural se projeta na esfera das ideologias e tem que levar em consideração o seu significado político." Durham (apud Arantes, 1981, p.44).*

Outro elemento importante referente à cultura popular diz respeito a sua conotação quanto resistência à homogeneização, a partir de formas específicas de sociabilidade, pois cultura popular não deve ser confundida como cultura de massa, mesmo que a contenha. A cultura popular, dessa forma, é concebida como uma manifestação fenomênica aparente das práticas de sociabilidade e representação daquilo que se concebe por povo (o que é povo?), sendo que no debate político dos anos 60, no interior da UNE (União Nacional dos Estudantes), por exemplo, a cultura popular era compreendida como sinônimo de "alienação" e apontava para a necessidade de se constituir uma "cultura popular revolucionária". Seria esta uma visão carregada de "um autoritarismo vanguardista e iluminado", devemos acreditar em um "front cultural" salvador?

A produção cultural está articulada a complexos sistemas de forças e instituições sociais que constituem o que denominamos por "política local", daí, no nosso entender, a necessidade de nos darmos a cultura (em seu sentido amplo e complexificado) a partir de atores sociais concretos, com práticas sociais e representações simbólicas multifacetadas, sendo que os espaços e manifestações diferenciadas (da elite e do popular) possuem uma significação alternada com as remodelações sócio-territoriais.

Assim, a cultura popular, resumidamente, pode ser compreendida como espaços alternativos, fragmentários e dispersos, conquistados/produzidos por grupos sociais peculiares, que desenvolvem suas formas de expressão, a partir de suas maneiras de pensar o mundo, de fazer e, sobretudo, de organizar conjuntos de relações sociais capazes de tornar viáveis, política e materialmente, as suas atividades, a partir de uma intersecção com sua base política e

social. Seria um processo dinâmico e complexo de construção de uma identidade “popular”. Arantes ressalta que:

*“Nesse sentido, fazer teatro, música, poesia ou qualquer outra modalidade de arte é constituir com cacos e fragmentos, um espaço onde transparece, com as suas roupagens identificadoras particulares e concreta, o que é mais abstrato e geral num grupo humano, ou seja, sua organização, que é condição e modo de participação na produção da sociedade”.* (1981, p. 78).

A cultura popular precisa ser encarada não como criação das instituições dominantes mas como um universo de saber em si mesmo constituído, uma realidade que não depende de formas externas. Torna-se complicada a polarização existente entre popular e erudito, uma generalização de algumas atividades que, anteriormente, eram restritas a uma minoria, o domínio da escrita e da leitura. Há, segundo Santos, uma relação estabelecida entre dominantes e dominados que precisa ser considerada no entendimento da cultura:

*“As classes dominadas existem em relação com as classes dominantes e partilham um processo social comum, do qual não detêm o controle. A reprodução cultural é o resultado dessa existência comum, é um produto dessa história coletiva, embora seus benefícios e seu controle sejam repartidos desigualmente”.* (1983, p. 59).

Se torna difícil uma definição de classes, pois dentro de uma classe há variações, é preciso considerar a dimensão cultural da sociedade de classes como um todo e, assim, entender as particularizações de cultura, considerando a realidade cultural de um setor da população e não simplesmente opor popular e erudito. O que pode então ser entendido como popular? Cultura afro-brasileiros, como candomblé e umbanda, carnaval, futebol? É preciso considerar as relações entre nossa cultura e nossa história para então entendermos a origem de determinadas atividades culturais.

Mais uma vez se faz necessário ressaltar que precisamos evitar a polarização entre erudito e popular e considerar as relações entre as classes sociais, pois as características não são absolutas, não respondem a exigências naturais, mas são históricas e sujeitas a transformações. Não podemos discutir cultura sem considerar as relações de poder dentro de uma sociedade, pois mesmo sendo uma produção coletiva, nas sociedades de classe seu controle e benefício não pertencem a todos, sendo que esta acaba por apresentar poderosas marcas de desigualdade. Assim, as lutas pela universalização da cultura são lutas contra as relações de dominação e contra as desigualdades básicas das relações sociais no interior das sociedades. Diante dessas desigualdades, a cultura erudita pode ampliar as formas de controle social para mantê-las em benefício de uma minoria da população, já a cultura popular pode ter um caráter transformador para superá-las.

### 3 CULTURA DE ELITE

O que se entende por elite? Para Corrêa (1998), ser elite era opor-se ao popular, contrapor-se à massa, sendo ela contra a homogeneização que adveio com a sociedade de consumo.

A cultura de elite ou alta cultura geralmente estava relacionada com a pintura, música, o drama, a escultura, a dança, a literatura, a cinematografia artística e a música clássica. A elite está relacionada com apego ao clássico, com o “que fica”, o que “permanece”. A distinção entre

elitizado e a "massa" refere-se a separação entre uma individualidade autêntica e uma pseudoindividualidade, entre necessidades verdadeiras e necessidades falsas. Relaciona-se à superioridade do estilo de vida, contemplação estética, aceitação mais ampla de sua percepção sobre a vida, a valorização dos bens culturais e intelectuais em geral. Seria a expressão de um estilo de vida específico, que na sociedade contemporânea conta individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada.

Entendemos ser importante encetar uma reflexão sobre a cultura de elite e a pós-modernidade. A modernidade surge com o Renascimento, como uma contraposição à ordem medieval, com a progressão da racionalidade e diferenciação sócio-administrativa do mundo social (formação do moderno Estado capitalista-industrial). A pós-modernidade seria a emergência de uma nova totalidade social, com a era pós-industrial, a "computadorização da sociedade", de um novo "estado da mente", uma sensibilidade e percepção constituída a partir da descrição das práticas concretas e das atividades em curso na vida cotidiana dos diversos grupos sociais. *Seria a transformação da sociedade em imagens e a fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos* (Featherstone, 1995). Seria um conjunto de mudanças na cultura contemporânea envolvendo os modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos e mudanças nas práticas e experiências cotidianas de diferentes grupos, que podem estar usando regimes de significação de diferentes maneiras e desenvolvendo novos meios de orientação e estruturas de identidade.

Segundo alguns autores, a pós-modernidade estaria solapando a distância entre a alta-cultura e a cultura popular, reduzindo essa "hierarquização simbólica", sendo que as elites culturais, paulatinamente, vem perdendo a autoridade de seu conhecimento, a partir do desenraizamento de seu discurso nas práticas cotidianas dos sujeitos comuns. Para Featherstone:

*" A pós-modernidade estaria apagando as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, com o colapso das distinções entre alta-cultura de massa popular, uma promiscuidade elitista generalizada e uma mistura lúdica de códigos." (1995, p. 97).*

Sua linguagem fica defasada numa cultura de consumo massificada. Essa superação da distância seria explicada pelo processo de "estetização da vida cotidiana", composta por uma associabilidade entre arte e cotidiano; a transformação do cotidiano em uma obra de arte e por um fluxo veloz de signos e imagens que saturam a trama da vida cotidiana na sociedade contemporânea.

Nesse momento faz-se necessário apresentar uma discussão sobre cultura de elite e cultura de consumo. A cultura de consumo, aqui, está sendo entendida num duplo aspecto: em primeiro lugar, na dimensão cultural da economia, a simbolização e o uso de bens materiais como "comunicadoras", não apenas como utilidade; em segundo lugar, na economia dos bens culturais, os princípios de mercado – oferta, demanda, acumulação de capital, competição, monopolização – que operam dentro da esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias. Seria o consumo não apenas de valores de uso, de utilidade materiais, mas primordialmente o consumo de signos.

A lógica da cultura de consumo, com a complexidade e simultaneidade de símbolos e significações, seria entendida como um indicador da superação do culto e do massificado, seria a produção e reprodução de um imaginário cultural, a reativação de cada imagem de sonhos e desejos de consumo.

Em seu livro *O povo e a cultura*, Tofler (1995), retrata a sociedade americana, onde procura entender as mudanças culturais ocorridas no pós Segunda Guerra Mundial nos EUA, que foram as grandes investimentos e participações da sua população em museus, teatros, óperas, bibliotecas, galerias de arte. Na América, a cultura foi objeto de monopólio exercido por uma

elite e o sentimento de exclusividade, por isso os amantes da arte que eram poucos transformaram-se num exército. O interesse popular pelas artes nesse país (EUA) se refletiu na estrutura e na programação dos meios de comunicação de massa. Apesar de relatar a atração de milhões de americanos para os auditórios, mudando a sua composição, o autor ressalta que os americanos não participam igualmente do surto do progresso da cultura.

Diante do exemplo acima, e voltando-se para a nossa sociedade podemos reconhecer uma mudança cultural em nosso país? Podemos falar atualmente da existência de uma democratização da cultura? Essa chegaria a acontecer? Quais os "quadros pintados" acessíveis à nossa realidade cultural?

Assim, entendemos que a cultura de elite deve ser compreendida a partir dos seguintes elementos: relação entre estilo de vida e reprodução social, numa sociedade composta por diferenciação de classes sociais; relação entre o consumo da cultura seletiva, no âmbito da cultura de consumo, tendo como aparato a massificação e complexificação simbólica; a relação entre o culto e a sua dimensão estética e, por último, a relação entre a elite cultural e seu espaço ou seja, a geograficidade do modo de vida elitizado, levando em consideração a complexidade da sociedade contemporânea, que tem como substrato estrutural uma série de mudanças culturais (no âmbito da sensibilidade, das formas de identidade, representação, percepção etc.)

Assim:

*"A tendência da cultura de consumo para diferenciar, para estimular o jogo das diferenças, precisa ser matizada pela observação de que as diferenças precisam ser reconhecidas e legitimadas socialmente; a alteridade total, assim como a individualidade total, corre o risco de ser irreconhecível ...é preciso examinar mais de perto os processos sociais que estruturam a preferência por bens de consumo e estilos de vida e levantar a questão de se a preocupação com o estilo e a individualidade reflete mais as predisposições de uma fração de classe específica, que tem interesse em legitimar sua constelação particular de gostos com os gostos do social. Para tanto, ainda é preciso dar ênfase à produção de preferências distintivas por estilos de vida e bens de consumo; mas convém descer do alto nível de generalidades que enfatiza os processos sociais e culturais e a lógica do capitalismo que podem ser vistos como fatores que puseram em evidência o estilo de vida para uma consideração da produção das preferências de estilo de vida no âmbito de um campo social estruturado, no qual vários grupos, classes e frações de classes lutam e competem para impor seus gostos específicos como os gostos legítimos e, por meio disso, quando necessário, nomear e renomear, classificar e desclassificar, ordenar e reordenar o campo".* (1995, p. 124).

#### 4 QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- O que é gosto popular?
- De onde vem a necessidade e a interlocução do público com os programas populares?
- Quais as suas necessidades?
- Sua solidão?
- Seu desejo?
- Somos capazes de criar uma outra rede de interlocução?

- Quais os elementos para compreendermos a superficialidade e a banalidade daquilo que, geralmente, concebemos como popular, deselitizado?
- Qual a linguagem da arte?
- Qual seu espaço de realização?
- O que é elite? O que a define: sua situação financeira? Capacidade intelectual/artística? A loucura? A capacidade de consumir o culto? Capacidade de criação artística?
- Até que ponto as culturas se segmentam?
- O popular não é elitizado?
- O elitizado não é popular?
- Como compreendemos a cultura de elite no âmago da relação entre a cultura individual e a cultura coletiva?
- Quais os meandros da sociedade contemporânea que explicam a superficialidade?
- O elitizado é essência e o popular/massificado a aparência?
- Qual a dimensão elitizada da estética?
- A universidade é o espaço da elite?
- Qual a territorialidade da cultura de elite? Seu lugar?
- A dimensão cultural deve ser compreendida nos "limites da racionalidade"?
- O homem-povo é um conjunto cheio de vazios? Sua cultura é superficial e seu viver é o não viver?
- Como compreender a produção e o consumo de cultura numa sociedade hegemonicamente dominada pela fetichização capitalista?
- A cultura de elite é desideologizada?
- A questão cultural é uma questão de classe?
- Qual a subjetividade da cultura?
- A aula de mestrado em Geografia da FCT/UNESP Presidente Prudente é uma dimensão da "cultura de elite"?
- Imaginem o seguinte cenário: um cinema (lugar de consumo culto) com um jovem, uma metralhadora e três mortes, esta é uma dimensão cultural: superficial, popular ou elitizada?
- Viver em um lugar distante, um modo de vida tribal, autosuficiente, com rituais próprios, arraigados por uma dimensão simbólica acoplada à tradição de adoração aos pássaros, com a poligamia, no qual Hegel, Kant, Marx, Shakespeare, não existem, isto é um dimensionamento cultural elitizado ou popular?
- Há a necessidade de um iluminador, um aristocrata intelectual, com uma verdade em suas mãos, para doutrinar e ensinar a arte de viver às pessoas? Podemos, em uma cadeira acadêmica, classificar como superficial uma vida humana?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular?** São Paulo, Brasiliense, 1981.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo, Studio Nobel, 1995.
- MOLES, Abraham. **Civilização industrial e cultura de massas.** Seleção de Ensaio da Revista Communication. Petrópolis, Vozes, 1973.
- SANTOS, José Luiz. **O que é cultura?** São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SILVA, Armando Corrêa. **Geografia e cultura de elite.** Presidente Prudente, 1998 (mimeogr.).
- TOFLER, Alvin. **O povo e a cultura.** Rio de Janeiro, Lidador, 1965.